

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: Kaingang / Nonoai

Data: 19/04/93

Pg.: 114

SEMANA DO ÍNDIO (I)

A batalha final dos caingangues e guaranis

Os índios fazem manifestações em todo o país reivindicando a retomada de suas terras, mesmo que para isso seja preciso usar a força, como já vem acontecendo

CLARINHA GLOCK



Os índios do Rio Grande do Sul estão decididos a retomar suas terras à força. A Constituição Federal determina que o governo demarque todas as terras indígenas do país até outubro deste ano. Ignorando a legislação dos brancos, os 10 mil caingangues e guaranis do Estado vêm reconquistando as áreas que ocupavam antigamente, como fizeram com o Parque Florestal Estadual de Nonoai e o aeroporto de Irai. Eles já recuperaram com esta estratégia pelo menos 19 mil dos 120 mil hectares que tinham no início do século, antes do Governo do Estado se apropriar de boa parte das terras indígenas para fazer reforma agrária. Agora, se preparam para retomar o resto.

A retomada das terras pela força é uma decisão nacional dos povos indígenas. São cada vez mais frequentes as notícias de tribos invadindo fazendas sob a alegação de que as áreas são deles. No Rio Grande do Sul, os índios estão convencidos de que terão de travar uma espécie de batalha decisiva com os brancos para recuperar suas terras. Não acreditam mais nas promessas da Fundação Nacional do Índio (Funai), encarregada da demarcação. Juridicamente, eles têm apenas duas opções: aguardar uma revisão constitucional que amplie o prazo para as demarcações, ou esperar que a Procuradoria da República ingresse com uma ação civil pública para obrigar a Funai a cumprir a Constituição.

MEDO — Essa situação está deixando apreensivos agricultores, prefeitos e principalmente o governo do Estado, colocado contra a parede. Em 1962, o então governador Leonel Brizola assentou colonos em terras indígenas e agora seu colega de partido, o governador Alceu Collares, precisa arrumar outras terras para colocar os colonos, se quiser devolver as terras para os índios.

Os pequenos agricultores dizem que não querem conflito, mas sofrem com a possibilidade de perder o pedaço de terra do qual tiram seu sustento. "Botar onde 300 famílias? O Inera (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) nos deu escritura desta terra. É um



Pressão: os índios querem apressar o cumprimento da Constituição e demarcar suas áreas antes do prazo final, no dia 5 de outubro

órgão federal e não sabia que era terra de índio?", questiona, revoltado, o colono José Flores, 53 anos, da Quarta Seção de Planalto, área reivindicada na Justiça pelos caingangues de Nonoai, e considerada a mais produtiva do município. O secretário municipal de administração de Planalto, Carlos Ciprandi, apóia. "Os índios praticamente não produzem nada", acusa.

O procurador geral do Estado, Gabriel Fadel, que esteve visitando a região do conflito na semana passada, adianta: "Vimos ter de pensar numa solução negociada". Os índios ameaçam não esperar. O presidente dos caciques de Santa Catarina, José Orestes do Nascimento, líder da reserva caingangue de Nonoai, comandou a invasão do Parque Estadual Florestal de Nonoai em fevereiro do ano passado. Ele avisa que a tribo está disposta a retomar sua terra independente da decisão do governo. "Se não liberarem, a gente não vai desistir", confirmou também o cacique João Camargo, da reserva de Inhacorá, localizada em São Valério do Sul, onde a Secretaria de Agricultura mantém uma Estação Experimental Fitotécnica.

ACULTURAÇÃO — A reconquista da terra é essencial para manter a cultura indígena, analisa o presidente da Associação Nacional de

Apoio ao Índio (Anai), Rodrigo Venzon. Quando não têm onde plantar, os índios tendem a migrar para as cidades e aumentar a legião de miseráveis dos cinturões urbanos. "O resultado é a marginalização", explica. Hoje é possível encontrar caingangues trabalhando nas indústrias do Vale dos Sinos, na Grande Porto Alegre, ou nas favelas de Passo Fundo e Sarandi. Acusados de desmatar suas áreas, andar bêbados pelas ruas ou mendigando nas cidades, os índios são vistos pelos brancos como pessoas que não merecem viver no chão de seus antepassados. "Nem índios mais eles são, parecem uns caboclos", desdenha o colono José Pedro Flores, de Planalto.

Preocupados, os índios começaram aos poucos a se organizar para enfrentar no mesmo nível que os brancos a disputa pela terra. Os caingangues da Organização das Nações Indígenas do Sul (Onisul) estudam Direito, Agronomia, Magistério e Enfermagem para suprir as deficiências na sua comunidade. Líderes do Projeto Mbyá Guarani (gente guarani, na língua indígena) ajudam a organizar seminários sobre o atendimento de saúde dos índios junto com a Fundação Nacional de Saúde. Esses índios mobilizados estão dispostos a recuperar suas terras o quanto antes.

São só duas tribos no Estado

A Funai calcula que existam no Rio Grande do Sul 10 mil índios, divididos em apenas duas tribos, os caingangues e os guaranis. Oficialmente, há nove reservas indígenas sob a jurisdição da Funai de Passo Fundo e uma, a de Nonoai (no município de mesmo nome), sob a tutela da Funai de Chapecó, Santa Catarina. Nas reservas de Carreiro (município de Água Santa), Cacique Doble (Cacique Doble), Guarita (Tenente Porteira), São João do Irapuá (Redentora), Inhacorá (São Valério do Sul), Irai (Irai), Ligeiro (Charrua), Rio da Várzea (Liberato Salzano, identificadas mas não demarcadas) e Votouro (São Valentim), a maioria da população é caingangue.

Há guaranis em menor número em Cacique Doble, Guarita, Nonoai e Votouro. As áreas guaranis de Barra do Ouro (nos municípios de Maquiné e Riozinho) e Cantagalo (em Viamão) já foram identificadas pela Funai, mas não estão demarcadas. Em Barra do Ouro, a comunidade indígena reivindica três mil hectares, incluindo os 1.026 identificados. A Companhia Zaffari, proprietária

da fazenda Frazzari, disputa o terreno com a Olympus Realizações Imobiliárias.

Os guaranis têm 42,7 hectares em Cantagalo e reivindicam mais 157 hectares. A área sofre com invasões de gado das propriedades vizinhas. Há outros grupos menores de guaranis em Camaquã, Tapas, Três Forquilhas, Cachoeira do Sul, Salto do Jacuí, São Francisco de Assis, Capivari e Rio Grande.

SAUDADE — As áreas extintas estão incluídas na lista das que os índios pretendem reconquistar este ano. Serrinha (em Ronda Alta) e Ventarra (entre Erechim e Getúlio Vargas) foram colonizadas em 1962. Os índios de Caseiros (próximo a Ibiraiaras) foram expulsos em 1929 por fazendeiros. Há ainda a extinta Borboleta (entre Espumoso e Soledade). "Minha mãe e irmãos estão enterrados em Ventarra. Se a Funai não recuperar a área, vou reunir uma turma e ficar lá", prometeu o caingangue Batista de Oliveira, 65 anos, expulso de Ventarra quando tinha 25. Hoje ele vive na reserva de Votouro.